



GRUPO DE APOIO TÉCNICO:

Coord. Marcos Newton Pereira
Adriane Vanderleia Cauduro
Celso de Almeida Freitas
Marcelo Porto Nicola
Marco Antônio Medronha
Maria de Lourdes Sbroglio
Maureen Spanenberg
Paul Heinz Krahenhofer

Métodos e Meios de Comunicação em Extensão Rural

- GLOSSÁRIO -

– Versão Preliminar –

PORTO ALEGRE
2009

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A METODOLOGIA DE EXTENSÃO RURAL	7
2 MÉTODOS INDIVIDUAIS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES.....	9
2.1 VISITA	9
2.2 CONTATO	9
2.4 ENTREVISTA	10
2.5 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	10
3 MÉTODOS GRUPAIS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES	11
3.1 REUNIÕES	11
3.2 DEMONSTRAÇÃO DE TÉCNICA OU DE MÉTODO.....	12
3.3 CONFERÊNCIA.....	12
3.4 CONVENÇÃO OU ENCONTRO	12
3.5 FORUM.....	12
3.6 PAINEL.....	12
3.7 PALESTRA OU PRELEÇÃO	13
3.8 SEMINÁRIO.....	13
3.9 SIMPÓSIO	13
4 TÉCNICAS DE DINAMIZAÇÃO DE GRUPOS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES	15
4.1 DRAMATIZAÇÃO	15
4.2 GRUPO DE COCHICHOS	15
4.3 GRUPO DE TRABALHO.....	16
4.4 MESA REDONDA.....	16
4.5 DISCUSSÃO CIRCULAR.....	16
4.6 FRACIONAMENTO OU PHILIPS 66	16
4.7 TEMPESTADE DE IDEIAS	16
4.8 VISUALIZAÇÃO MÓVEL	16
5 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES	19
5.1 RÁDIO	19
5.2 TELEVISÃO	19
5.3 FILMES OU DVD	20
5.4 JORNAL.....	20
5.5 ARTIGO ESPECIALIZADO.....	20
5.6 CORREIO ELETRÔNICO	20
5.7 WEBSITE.....	21
5.8 REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES - WORLD WIDE WEB	21
5.9 COMUNICADOR INSTANTÂNEO OU FERRAMENTA DE CHAT	21
5.10 BLOG.....	22
5.11 VIDEOCONFERÊNCIA OU TELECONFERÊNCIA	22
6 PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS– CONCEITO E CONSIDERAÇÕES	23
6.1 CARTAZ.....	23
6.2 OUT-DOOR	23
6.3 CARTA CIRCULAR	23
6.4 FOLDER	24
6.5 FOLHETO.....	24

7 MULTIMEIOS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES.....	25
7.1 VIDEO PROJETOR OU DATA SHOW.....	25
7.2 FLANELÓGRAFO / MURAL.....	25
7.3 TRANSPARÊNCIA PARA RETROPROJETOR.....	25
7.4 QUADRO BRANCO, QUADRO NEGRO, ALBÚM SERIADO.....	25
8 MÉTODOS COMPLEXOS DEMONSTRATIVOS E DE FORMAÇÃO – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES.....	27
8.1 CAMPANHA.....	27
8.2 CONCURSO.....	27
8.3 SEMANA ESPECIAL.....	27
8.4 EXPOSIÇÃO EDUCATIVA.....	28
8.5 CURSO.....	28
8.6 DIA OU TARDE DE CAMPO.....	28
8.7 EXCURSÃO.....	29
8.8 ENSAIO.....	29
8.9 UNIDADE DE OBSERVAÇÃO.....	29
8.10 UNIDADE DEMONSTRATIVA (UD).....	29
8.11 UNIDADE DE EXPERIMENTAÇÃO PARTICIPATIVA (UEP).....	29
8.12 DEMOSTRAÇÃO DE RESULTADOS (DR).....	30
8.13 PROPRIEDADE DEMONSTRATIVA.....	30
8.14 PESQUISA EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO.....	30
8.15 CENTRO DE TREINAMENTO DE AGRICULTORES.....	30
9 AÇÕES DINAMIZADORAS DA SOCIEDADE E DE COMPREENSÃO SOCIAL – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES.....	31
9.1 DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO - DRP.....	31
9.2 IMERSÃO OU OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	31
9.3 ROTINA DIÁRIA DAS ATIVIDADES - MULHER E HOMEM.....	31
9.4 CONSTRUÇÃO DE MAPAS E MAQUETES.....	32
9.5 VISUALIZAÇÃO DE CALENDÁRIOS.....	32
9.6 TRAVESSIA, CAMINHADA OU DIAGRAMA DE CORTE.....	33
9.7 ANÁLISE POR DIAGRAMAS.....	33
9.8 ANÁLISE ATRAVÉS DE MATRIZES.....	34
9.9 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS.....	35
REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	37
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.....	39

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma consolidação de textos parciais existentes na bibliografia extensionista, seguindo a dinâmica histórica e a trajetória de experimentações dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural praticados no Brasil e no Rio Grande do Sul.

As ênfases das metodologias de Extensão Rural nas décadas de 50 a 70 se baseavam na transferência de tecnologias, com pouca ênfase na grupalização e na participação dos beneficiários, tanto na elaboração como na execução dos projetos. Os métodos de extensão eram utilizados para o atingimento da adoção de novas tecnologias.

No transcurso das décadas, houve significativa mudança nas estratégias. O conhecimento das condições locais dos grupos beneficiários e de suas tradições transformou o enfoque de planejamento dos projetos de desenvolvimento.

Leva-se em consideração no levantamento de informação as opiniões e o ponto de vista dos grupos beneficiários. Aos instrumentos clássicos de ATER¹ agrega-se outros conceitos, muitos deles baseados nas teorias e metodologias da educação popular, buscando galgar as dimensões de maior diálogo junto a grupos sociais, respeitando as diferenças entre eles.

Os conceitos e experiências de desenvolvimento das décadas que se sucederam, construíram nova discussão sobre a atuação da ATER. Uma diversidade de ênfases metodológicas orienta as ações extensionistas.

O conjunto de métodos e ações aqui elencados ilustra este quadro atual.

Os verbetes, que constam este documento, são cópias parciais do que os textos constantes nas Referências Consultadas descreveram e mostram a diversidade conceitual dos métodos que compõem a metodologia. O grupo de apoio técnico na organização didática deste glossário fez um juízo da utilidade dos métodos e técnicas descritos para então aqui relacioná-los.

¹ Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER.

1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A METODOLOGIA DE EXTENSÃO RURAL

A missão essencial da instituição de extensão rural é criar situações dentro das quais as pessoas se desenvolvam educacionalmente e como cidadãos. Esse desenvolvimento é um processo ativo por parte de quem é beneficiário. Assim sendo, é fundamental que o público atendido se interesse pelo que está em pauta, colocando sua força mental, esforço físico e envolvimento.

As pessoas aprendem, se conscientizam e descobrem melhor seu próprio caminho por diferentes modos: alguns ouvindo, alguns vendo, alguns fazendo e outros através da discussão. Diferentes métodos de ensino e extensão são mais efetivos em determinadas situações, em diferentes estágios do processo de desenvolvimento, tais como diagnóstico, priorização, planejamento, execução, adoção ou avaliação. Além do mais, cabe ressaltar, que as pessoas não aprendem na mesma velocidade. É provável que alguns agricultores(as) estejam em determinado estágio de experimentação de uma nova prática e querendo conhecer os detalhes de como fazer, enquanto outros(as) estão apenas inicialmente interessados. Por essas razões, em determinadas situações, o uso de uma variedade de métodos de ensino é mais efetivo que outros.

Em sua rotina de trabalho, o extensionista rural avalia qual o melhor método de trabalho, de acordo com os objetivos traçados e a realidade local. Geralmente, os métodos mais complexos, tanto clássicos como participativos, são os que conduzem aos resultados mais positivos. Outras vezes, é o método mais simples que produz os melhores resultados. Cabe ao técnico, analisando o público, os objetivos, os recursos disponíveis, o tipo de mensagem e os métodos, decidir pela melhor ou mais adequada metodologia a ser utilizada. Para isto existe uma significativa diversidade de métodos. E existem meios de comunicação que permitem a concretização dos resultados da forma mais rápida e eficaz

A consulta a algumas publicações técnicas existentes na biblioteca, e à internet permitiu construir este glossário, reunir os métodos de extensão rural e os meios de comunicação, mais comumente utilizados pela EMATER/RS-ASCAR, organizando suas definições. Os métodos de extensão rural, as técnicas de dinamização, os meios de comunicação, as publicações educativas e as ações dinamizadoras dos grupos sociais podem ter as mais diferentes classificação e organização.

O grupo de apoio técnico optou por esta versão, sumariada deste glossário se embasa na qualidade e quantidade das pessoas envolvidas.

2 MÉTODOS INDIVIDUAIS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

São aqueles que objetivam atender as pessoas individualmente. Os métodos individuais, embora sejam de menor abrangência, são importantes para o extensionista no conhecimento que deve adquirir da comunidade e na confiança, que poderá ganhar dos líderes e do público rural, além de ser de grande eficiência no aprendizado.

O aprendizado é um processo individual. Embora os agentes de extensão devam usar métodos de massa e de grupo para alcançar grande número de pessoas e incentivar ação conjunta em planejamento e execução de projetos, os contatos pessoais servem para muitos propósitos essenciais.

A influência pessoal do extensionista é vital para assegurar cooperação, participação nas atividades de extensão, na adoção de melhoramentos na propriedade e no domicílio. As pessoas ouvirão os conselhos e sugestões de um extensionista de quem eles conhecem, gostam e de quem eles respeitam pelo conhecimento técnico.

Os métodos individuais também permitem, através da troca de idéias com produtores, conhecer as condições das populações rurais e das próprias comunidades. Devemos, entretanto, lembrar que os métodos individuais apresentam custos bastante elevados, por isto seu uso deve ser bastante objetivo. Serão definidos nesta secção, a visita, o contato, a entrevista, o atendimento de escritório, e o telefone.

2.1 VISITA

É um método importante da extensão, que fornece um meio de comunicação pessoal entre a família rural e o extensionista, em um ambiente onde eles podem discutir assuntos e trocar informações em privacidade, sem distrações e interrupções. A visita envolve uma ação planejada, visando a execução da programação do trabalho de ATER.

2.2 CONTATO

É um método não planejado, que ocorre em situações imprevistas e em diferentes locais, seja na sede, no escritório ou no campo, em que o técnico troca informações e esclarecimentos com o público relacionado ao trabalho de ATER. O público atingido nos contatos é bastante diversificado, podendo ser formado de pessoas ligadas diretamente, ou indiretamente, ao plano de trabalho.

O contato em um atendimento no escritório pode se dar pelo interesse de um visitante por alguma coisa, que ele acha que a equipe de extensionistas tem a oferecer. O atendimento de escritório é menos caro e consumidor de tempo. Oferece algumas, das vantagens de uma visita a propriedade. A pessoa que vai ao escritório está menos a vontade do que em casa e talvez mais sensível a atitude do extensionista.

Um registro cuidadoso do atendimento do escritório fornece uma base para o seguimento da atividade de extensão.

O contato num atendimento ao telefone serve a um propósito semelhante ao atendimento do escritório. Embora o contato face a face esteja impossibilitado, os telefonemas têm a vantagem de poderem ser iniciados pelo agricultor ou pelo extensionista. Os telefones são proveitosos no pedido e transmissão de informação específica, tal como o tratamento de uma doença conhecida, ou para pedir uma publicação.

2.4 ENTREVISTA

É um método realizado no escritório, sede e campo, em que o extensionista tem como objetivo conhecer situações e fatos, identificar problemas, e avaliar o trabalho. Deve ser planejada com todo o cuidado e bem conduzida.

2.5 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Trata-se de uma entrevista que é guiada por 10 a 15 perguntas-chave determinadas previamente. Esta ferramenta facilita um ambiente aberto de diálogo e permite que a pessoa entrevistada se expresse livremente, sem as limitações criadas por um questionamento. A entrevista semi-estruturada pode ser realizada com pessoas líderes ou de prestígio nas localidades.

3 MÉTODOS GRUPAIS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

São aqueles métodos que visam atingir grupos de pessoas, proporcionando a troca de idéias entre os extensionistas e o público. A vantagem dos métodos grupais é poder atingir, de uma única vez, um número maior de pessoas. São especialmente efetivos no avanço dos agricultores em estágio inicial de interesse para o estágio de teste/exame de determinada tecnologia ou orientação. Quando a reação do grupo é favorável, a maioria dos membros pode avançar para o estágio de adoção. Os agricultores reagem ao extensionista e às idéias expressadas por outros membros do grupo. Essas forças, quando estimuladas, bem planejadas e executadas podem conduzir à mudanças em práticas por grande número de beneficiários.

Os métodos grupais possibilitam a troca de experiências e são os que proporcionam menores custos.

Também facilitam a descoberta das lideranças comunitárias, a organização dos produtores e o desenvolvimento das pessoas, através de discussões, demonstrações e informações. Os métodos grupais que serão apresentados são os seguintes: Reunião técnica; Reunião prática com Demonstração de Método (DM) ou Técnica (DT); Conferência; Convenção ou encontro; Fórum; Painel; Palestra ou preleção; Seminário; Simpósio.

3.1 REUNIÕES

É um método de trabalho planejado, realizado junto a um público que possui interesses e objetivos comuns. Tem a finalidade de introduzir ou melhorar técnicas; transmitir informações a um grande número de pessoas ao mesmo tempo; planejar o trabalho; proporcionar troca de conhecimento e experiências; promover a organização comunitária; e/ou motivar o público a ser trabalhado.

As reuniões podem ser distinguidas pelo número de pessoas envolvidas e conforme seu objetivo. Tem-se a reunião técnica que visa transmitir conhecimentos e motivar mudanças de hábitos e atitudes, sendo desenvolvida pelo técnico com o auxílio de recursos audiovisuais.

Numa reunião técnica poderemos utilizar técnicas de dinamização e caberá ao técnico selecionar a forma mais adequada para o assunto, em função de seus objetivos e do público que participará do evento.

Tem-se a reunião prática com alguma demonstração técnica do assunto em pauta. Esta é um tipo de reunião que visa transmitir conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, oportunizando aos beneficiários da ação a condição de “aprender a fazer, fazendo”. As reuniões práticas têm como finalidade, entre outras: introduzir práticas não conhecidas; ou melhorar o uso das práticas já existentes no meio de trabalho.

A reunião pode ser também com ênfase na dinamização e articulação do grupo trabalhado. É um tipo de reunião, mediante a qual o extensionista procura estimular a criatividade de um grupo de pessoas, para identificação de problemas e necessidades, buscando soluções e a tomada de decisões para a ação, incluindo, necessariamente, a troca de informações e debates.

3.2 DEMONSTRAÇÃO DE TÉCNICA OU DE MÉTODO

A Demonstração de Técnica ou de Método promove o desenvolvimento adequado de uma técnica conhecida e comprovada pela pesquisa, dado em forma objetiva pelo agente de extensão ou técnico especialmente preparado, para um grupo de pessoas, com a finalidade de desenvolver destrezas e habilidades, procurando que os beneficiários de ação "aprendam a fazer fazendo".

3.3 CONFERÊNCIA

É uma reunião planejada, formal, com periodicidade prevista, no qual, em uma única sessão, um conferencista apresenta um tema específico a um público com interesses comuns.

3.4 CONVENÇÃO OU ENCONTRO

É uma reunião envolvendo um grupo grande de pessoas, que se reúne para discutir problemas de interesse comuns, utilizando combinações de outros métodos, como palestra, fórum e painel durante um ou mais dias. Ele é utilizado para explorar ou tentar soluções para um problema ou decidir sobre uma linha de ação.

3.5 FORUM

É um método em que um especialista disserta sobre um assunto previamente determinado, seguido por discussão, onde os presentes podem participar. Ele é comumente utilizado quando se tem um problema, que deve ser explorado pela audiência, ou para atualização dos informes e análises recentes, interpretações de fatos e esclarecimentos a respeito de pontos de controvérsia.

3.6 PAINEL

É um método em que 4 a 8 pessoas, conhecedoras de um assunto, discutem informalmente, sob a direção de um coordenador, diante de um auditório, apresentando seus pontos de vista. O painel ajuda a audiência a analisar os diversos aspectos de um problema, pois os **painelistas** normalmente são profundos conhecedores do tema em debate, e costumam apresentar pontos de vista antagônicos. O painel não tem como fim chegar a solução para o assunto, embora possa levar a conclusões que conduzam a uma

solução. Os assuntos mais adequados a esta técnica são os de interesse comum, as matérias de controvérsia e aqueles em que é oportuno o desenvolvimento de idéias.

3.7 PALESTRA OU PRELEÇÃO

É um método em que o orador disserta sobre um assunto cuidadosamente elaborado e previamente determinado, perante um grupo de pessoas. A palestra é utilizada para apresentar informações, de modo a esclarecer pontos de controvérsia, informar e analisar fatos, explorar facetas de um problema.

3.8 SEMINÁRIO

Seminário é um método planejado de aprendizagem ativa, em que um grupo de pessoas se reúne em sessões previamente programadas, para estudar um tema de interesse comum, em busca de solução de problemas, sob a direção de um coordenador. Usa-se para possibilitar o aprofundamento das discussões em torno do problema e alcançar maior objetividade nas conclusões. Pode-se dividir o tema do seminário em partes ou subtemas. A divisão deve ser feita em função dos objetivos de trabalho da organização promotora e dos problemas existentes sobre o tema, os quais devem ser esclarecidos e solucionados durante o desenvolvimento da atividade.

3.9 SIMPÓSIO

É um método em que, um grupo de especialistas, ou profundos conhecedores de um assunto, sob a direção de um coordenador, apresenta a uma audiência uma série de breves palestras, numa sequência de diferentes aspectos de um mesmo problema. A duração do simpósio pode ser de um ou vários dias, de acordo com o tema escolhido. O método permite uma exploração das idéias de forma sistemática, relativamente completa e ininterrupta. O simpósio deve ser utilizado quando se deseja apresentar informações básicas sobre determinado assunto, quando não há necessidade de interação entre os participantes; e se deseja prestar informação de forma direta e informal.

4 TÉCNICAS DE DINAMIZAÇÃO DE GRUPOS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

Dinâmica de grupos são técnicas vivenciais utilizadas com o objetivo de “aprender a aprender”, quebrar paradigmas e alterar conceitos arraigados, permite ter novas percepções sobre a realidade. São maneiras de levantar informações e recursos para solucionar problemas e estabelecer relações grupais visando o crescimento coletivo.

As principais técnicas de dinamização comumente utilizadas nos trabalhos de ATER, são: Dramatização; Grupo de cochicho; Mesa redonda; Discussão circular; Philips 66 ou fracionamento; Tempestade de idéias e Visualização móvel.

Estas técnicas são utilizadas com o fim de dinamizar a participação do público em ações grupais. Cabe ao extensionista assessorar, orientar e facilitar ao público o uso da técnica escolhida, procurando envolver todos os participantes do método grupal, que está sendo utilizado.

As técnicas de dinâmica de grupo compõem momentos de dinamização da reunião e devem ser planejadas em detalhes.

4.1 DRAMATIZAÇÃO

É uma dinâmica que possibilita aos participantes viverem uma situação artificialmente, através da representação de uma breve cena de relações humanas, despertando sua atenção para determinado assunto. É de planejamento fácil, mas exige habilidade para a sua aplicação. A dinâmica pode ser utilizada em cursos para líderes; para focalizar dramaticamente uma faceta concreta de qualquer problema; para facilitar a comunicação mostrando e não falando, quando se quer despersonalizar o problema dentro do grupo. A dramatização pode ser: um **Psico-drama** - O próprio participante da reunião vive uma situação dramatizada; um **Teatro** - O extensionista ou qualquer outra pessoa vive uma situação com a intenção de formar uma imagem nos participantes; ou um **Teatro de fantoche** - Informação de uma imagem nos participantes através de bonecos caracterizados movidos com as mãos.

4.2 GRUPO DE COCHICHOS

Esta dinâmica consiste em dividir dois a dois os participantes de um grupo grande, para discutirem um problema. Denomina-se cochicho porque as pessoas conversam baixinho. É extremamente informal e fácil de ser aplicado, podendo ser utilizado com grupos de até 50 pessoas. A dinâmica pode ser aplicada quando desejamos dar oportunidade para a participação de todos os indivíduos, ou pretendemos obter considerações de muitos aspectos distintos do assunto.

4.3 GRUPO DE TRABALHO

É uma dinâmica utilizada em determinados métodos, onde um pequeno número de pessoas discute informalmente um assunto, definindo-se uma tarefa a ser cumprida.

4.4 MESA REDONDA

A Mesa Redonda é um tipo de reunião em que todos discutem e participam em igualdade de condições. É uma discussão sem formalismo, nem preparação anterior.

4.5 DISCUSSÃO CIRCULAR

Na Discussão Circular, os elementos são colocados em círculo, junto com o animador. Dá-se um minuto para cada um, sem apartes. O relator faz, no final, a síntese das ideias. Todos dão a sua participação.

4.6 FRACIONAMENTO OU PHILIPS 66

É uma dinâmica usada em reuniões, cujo processo consiste no fracionamento de um grupo grande em pequenos grupos para facilitar a discussão. Estes grupos são formados por seis pessoas que discutem um assunto durante seis minutos. Seus participantes são o coordenador geral da reunião e pequenos grupos. Esta dinâmica pode ser usada para despertar o interesse da audiência desde o início do programa; obter informação de grupo sobre seus interesses, necessidades, problemas, desejos e sugestões; aumentar rapidamente as idéias do grupo; tratar de assuntos cuja natureza é melhor serem discutidos num grupo pequeno.

4.7 TEMPESTADE DE IDEIAS

É uma dinâmica que procura estimular a criatividade dos participantes para determinado assunto. Esta dinâmica procura captar as idéias expostas livremente pelos participantes, independente das mesmas serem aproveitáveis ou não para o tema em discussão.

4.8 VISUALIZAÇÃO MÓVEL

É uma técnica que torna visível um debate, apresentação de um tema, etc., e é móvel, por permitir o ordenamento das idéias, com extrema flexibilidade, possibilitando várias opções de disposição. O sistema de comunicação está baseado no uso de tarjetas (nome dado às pequenas fichas / cartões), onde são registradas as informações com pincel atômico.

As tarjetas são utilizadas para que as idéias, opiniões, propostas, etc. sejam registradas e então, uma a uma, possibilitar a construção, no conjunto, de um raciocínio lógico e objetivo. Depois de escrita uma idéia, as tarjetas são fixadas em um painel, por alfinetes, ficando visível para todos os participantes do evento, por todo o tempo.

Assim, a visualização móvel permite estabelecer uma melhor dinâmica no grupo, com uma maior participação e com uma maior identificação dos participantes para com o resultado do processo.

5 MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

Os meios de comunicação de massa podem ser ferramentas de apoio a extensão. São classificados em sonoros (telefone e rádio), escritos (jornais e revistas), audiovisual (televisão e cinema). Em seu uso múltiplo constituem a multimídia e a hipermídia.

Denomina-se de multimídia a utilização de diversos meios simultaneamente (ex. rádio, televisão e jornal) e hipermídia a reunião de vários meios em um único equipamento (ex. site da Emater).

Estes meios de comunicação visam atingir as pessoas em massa, isto é, um número significativo e indeterminado de pessoas. Eles não permitem o contato direto entre o extensionista e seu público, mas apresentam um custo unitário bastante baixo pelo grande número de pessoas atingidas e pela rapidez com que as mensagens chegam até ao público. Prestam-se para estimular interesses, criar ansiedade e atrair a atenção. Serão descritos como métodos ou meios massais, os seguintes: Rádio; Televisão; Filmes; Jornal; Artigo especializado; E-mail; Website; Rede Mundial de Computadores; Comunicador instantâneo ou Ferramenta de chat.

5.1 RÁDIO

É um método massal que atinge todos os destinatários, até mesmo os analfabetos, chegando aos lugares mais longínquos, onde outros meios de extensão não conseguem chegar. O rádio é menos dispendioso, tanto para o agricultor como para quem faz os programas de extensão, e é mais susceptível para os agricultores captarem e assimilarem a informação.

5.2 TELEVISÃO

É um meio de comunicação audiovisual de massa por excelência, mas pode ser usado em grupos de todos os tamanhos. A junção do poder da imagem com o poder das palavras transmite a informação com mais força e com maior autenticidade. Em um programa de televisão usam-se combinações de vários meios de comunicação visual e audiovisual, com elementos projetáveis ou não. Atinge um elevado número de agricultores com baixo custo dos contatos entre informador e agricultor. Observa-se muito boa susceptibilidade por parte dos agricultores para captarem e assimilarem a informação.

5.3 FILMES OU DVD

Os filmes de cinema na forma de DVD podem ser usados em várias circunstâncias, motivadoras ou de complementação a informação extensionista, dependendo das possibilidades do apresentador, público, local, etc.

5.4 JORNAL

Quer nas grandes cidades, quer nos pequenos centros, o jornal é um ótimo veículo divulgador de fatos e coisas. Nas pequenas cidades, cada número novo de jornal é uma fonte de informações preciosas.

Uma notícia é uma informação breve, objetiva e impessoal sobre algo que tenha acontecido recentemente, que está acontecendo, ou está por acontecer. Quando se escreve uma notícia para um jornal, deixa-se os fatos, e não uma opinião pessoal, servindo, assim, de base para que o leitor forme a opinião própria.

5.5 ARTIGO ESPECIALIZADO

O artigo especializado é de grande utilidade para o extensionista. Pode ser usado para dar publicidade a uma organização, lançar um idéia nova, ou uma prática aconselhável. Os extensionistas freqüentemente usam o artigo especializado para conseguir que os agricultores adotem novas práticas. Por exemplo, um agrônomo pode induzir certo número de produtores a adotar práticas de conservação do solo, através de uma série de artigos de jornal.

5.6 CORREIO ELETRÔNICO

O correio eletrônico ou e-mail é um serviço disponível na Internet que possibilita o envio e o recebimento de mensagens desde que conectado a um provedor, local, regional, estadual ou nacional. Essas mensagens podem conter texto ou imagens, muitas vezes em arquivos a ela anexados. Quando o destinatário ler a mensagem, poderá copiar para o seu computador os arquivos que lhe foram enviados. O e-mail para o serviço de extensão rural tem um potencial de crescimento impressionante, com recursos e possibilidades superiores às correspondências tradicionais e a carta circular. Para comunicação interna institucional e entre parceiros é muito utilizada, mas ainda esbarra no pouco acesso dos agricultores a este serviço digital, pois é necessário estar conectado à internet para receber e enviar as mensagens eletrônicas. A leitura e a resposta podem ser feitas com a conexão desligada, desde que se tenha aberto e respondido a mensagem com o computador conectado ao provedor, entretanto um computador pessoal é fundamental.

5.7 WEBSITE

Um website, *site* ou sítio é um conjunto de páginas virtualmente localizado em algum ponto da Web. As páginas num *site* são organizadas a partir de um URL básico, onde fica a página principal, e geralmente residem no mesmo diretório de um servidor. As páginas são organizadas dentro do *site* numa hierarquia observável no URL, embora as hiperligações entre elas controlem o modo como o leitor percebe a estrutura global, modo esse que pode ter pouco a ver com a estrutura hierárquica dos arquivos do *site*.

Um *site* normalmente é o trabalho de um único indivíduo, empresa ou organização, ou é dedicado a um tópico ou propósito em particular. Ele é um dos instrumentos de publicidade mais eficientes que existem, servindo de apoio a campanhas de publicidade de outros meios de comunicação como o rádio, televisão, jornal, placas, folhetos, etc., Um website pode constituir um empreendimento completo ou parcial prestando serviços, vendendo produtos ou simplesmente informando com custos reduzidos em relação ao negócio "não virtual", como acontece com o Portal Vitrine Rural.

5.8 REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES - **WORLD WIDE WEB**

É o conjunto de todos os *sites* públicos existentes. Quando a World Wide Web foi criada, ela recebeu esse nome de seu criador inglês. Ele comparou a sua criação com uma teia, "web" em inglês. Cada nó dessa teia é um local virtual (website) onde há hipertextos. Mas como fazer a internet chegar a todos os agricultores? Para tornar a Internet conhecida, deve-se levar as demonstrações até as comunidades rurais através de: 1) seminários e outras aplicações práticas; 2) produção e distribuição de vídeos que documentem as iniciativas rurais de Internet existentes (testemunhos dos usuários); 3) demonstrações públicas dirigidas às associações de desenvolvimento e serviços de extensão; 4) preparação de pessoal para dar a conhecer a Internet nas regiões rurais, através de serviços rurais piloto da Internet; 5) "unidades móveis" de Internet que poderão proporcionar demonstrações itinerantes e facilitar a capacitação nas áreas remotas; 6) declarações públicas de aceitação e promoção do serviço de Internet para as comunidades rurais; e 7) criação de pacotes de incentivos para poder enfrentar os riscos inerentes ao serviço de Internet nas regiões remotas

5.9 COMUNICADOR INSTANTÂNEO OU FERRAMENTA DE CHAT

O comunicador instantâneo ou ferramenta de chat, também conhecido por IM (do inglês *Instant Messaging*), é uma aplicação que permite o envio e o recebimento de mensagens de texto em tempo real. Através destes programas o usuário é informado quando algum de seus interlocutores, cadastrado em sua lista de contatos, está on-line, isto é, conectou-se à rede. A partir daí, eles podem manter conversações através de mensagens de texto as quais são recebidas pelo destinatário instantaneamente. Normalmente estes programas incorporam diversos outros recursos, como envio de figuras ou imagens animadas, conversação em áudio - utilizando as caixas de som e microfone do sistema, além de vídeo conferência (webcam).

5.10 BLOG

Conceitua-se como Blog a contração do termo “web log”. É também chamado de blogue, e consiste num *site* estruturado, onde se faz a atualização rápida de textos e imagens. Estes, em geral, organizados de forma cronológica, tem como foco uma temática definida.

Muitos blogs fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular, outros funcionam como diários on line.

5.11 VIDEOCONFERÊNCIA OU TELECONFERÊNCIA

São meios de transporte de sinais entre o ponto gerador do sinal de um programa e o ponto receptor. São estruturas montadas para produção de sons e imagens na qual podem ser mostradas em tempo real uma prática, entrevista ou vídeo para uma sala ou auditório, com equipamentos próprios para recepção do sinal.

6 PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

A publicações educativas visam popularizar temas, mensagens e processos técnicos. As principais em uso na ATER são cartaz, outdoor, carta circular, folder e folheto.

6.1 CARTAZ

O cartaz é um dos mais conhecidos e preferidos auxílios visuais usados pelos comunicadores na sua missão de transmitir idéias e experiências. O cartaz pode auxiliar o comunicador levando a sua mensagem aos pontos mais longínquos, falando pelo comunicador muitos quilômetros distantes de sua pessoa. O cartaz pode atingir indivíduos, isoladamente, grupos de pessoas, e a massa, numa comunicação constante e insistente, a qualquer momento que alguém o encare, ele tem algo para dizer. Ele pode ser usado para motivação, para divulgação ou informação técnica geral e superficial, para o ensino de técnicas simples. Serve para acompanhar os métodos, campanhas, exposições, reuniões, palestras, demonstrações.

6.2 OUTDOOR

O outdoor, propriamente dito, é toda forma de comunicação escrita ao ar-livre. Existe diversas modalidades deste veículo. A vantagem básica do outdoor é o enorme impacto visual e o período de exposição, ao passo que a maior desvantagem é a forma passiva e estática.

Um bom outdoor não é necessariamente o maior ou o mais vistoso ou mais complexo. Ao contrário, um layout limpo, claro, textos curtos e objetivos são fundamentais para este meio, independentemente do tamanho, cuja mensagem é dirigida em geral a pessoas em movimentos, em velocidade muitas vezes superior aos 80km/h.

6.3 CARTA CIRCULAR

É um veículo de comunicação impresso, destinado a alertar, convidar, motivar. É uma mensagem específica distribuído dentro da área de ação do escritório local, geralmente direcionada a um público determinado.

6.4 FOLDER

É um veículo de comunicação impresso, de uma única folha. Pode ter diversos tamanhos ofício ou meio ofício, e uma, duas, três ou mais dobras. É impresso em preto e branco ou a cores, mas sempre deve conter ilustrações. O conteúdo da mensagem do folder pode ser técnico ou meramente informativo, como a programação de um dia de campo, por exemplo. A mensagem deve ser simples e clara.

6.5 FOLHETO

É um veículo de comunicação impresso, contendo no mínimo 5 páginas e no máximo 48, excluídas as capas. O seu tamanho mais comum é 16 x 22 centímetros, podendo ser impresso em preto e branco ou a cores e deve ter ilustrações. No folheto a mensagem pode ser mais detalhada e completa que no folder.

7 MULTIMEIOS – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

Os multimeios são instrumentos de apoio às apresentações extensionistas, com vistas a uma melhor didática. São eles: vídeo projetor ou data show, flanelógrafo, transparência ou retroprojetor, diapositivo ou slides e diafilmes.

7.1 VIDEO PROJETOR OU DATA SHOW

O vídeo projetor ou data show é um processador de sinal de vídeo e, simultaneamente, um projetor da imagem em uma tela da projeção usando um sistema de lentes. Todos os tipos de projetores de vídeo utilizam uma luz muito brilhante para projetar a imagem, e os mais modernos podem corrigir inconsistências como curvas e borrões através de ajustes manuais. Projetores de vídeo são usados principalmente para apresentações, conferências, palestras e treinamento.

7.2 FLANELÓGRAFO / MURAL

O flanelógrafo e o mural são instrumentos que podem auxiliar a dinâmica de apresentação de idéias. O primeiro é um auxílio visual que está baseado no princípio de aderência da flanela sobre flanela e da lixa sobre a flanela. Compreende um quadro de madeira forrado de flanela e figuras desenhadas ou colocadas em cartolina, revestida de flanela ou lixa na face oposta à figura. O segundo é uma base de feltro onde a aderência é promovida por alfinetes.

7.3 TRANSPARÊNCIA PARA RETROPROJETOR

São as lâminas visuais utilizadas no retroprojetor que recebem o nome de transparência. Elas nada mais são que slides de grande tamanho (19 x 24 cm), feitas com plástico transparente, papel de seda ou filmes especiais para esse fim.

7.4 QUADRO BRANCO, QUADRO NEGRO, ALBÚM SERIADO

São instrumentos úteis em apresentações, principalmente onde não há energia elétrica como em estações de dia-de-campo.

8 MÉTODOS COMPLEXOS DEMONSTRATIVOS E DE FORMAÇÃO – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

São aqueles cuja utilização exige a combinação de outros métodos. Os principais métodos complexos são: Campanha; Concurso; Semana Especial; Exposição Educativa; Ensaio; Unidade de Observação; Unidade Demonstrativa (UD); Unidade de Experimentação Participativa (UEP); Demonstração de Resultados (DR); Propriedade Demonstrativa; Centro de Treinamento de Agricultores; Curso; Pesquisa em Sistemas de Produção; Dia ou Tarde de Campo e Excursão.

8.1 CAMPANHA

Consiste numa sequência de atividades educativas concentradas, em determinado assunto, durante um espaço de tempo pré-estabelecido. As ações são executadas por etapas, relacionadas entre si, no sentido de provocar mudanças no modo de pensar, sentir e agir de um grupo de pessoas com interesses diversos. Para isto usa-se a combinação dos diversos métodos de extensão e meios de comunicação.

O princípio básico da campanha diz: "a frequência com que uma pessoa recebe uma nova idéia, comunicada por diversos meios, influi decisivamente na adoção desta idéia". Ou seja, quanto mais vezes uma pessoa recebe a influência de uma nova idéia, tanto mais provável que ela venha adotar aquela idéia.

8.2 CONCURSO

É um tipo de método complexo que tem como objetivo estimular o incremento da produção, da qualidade de alguma atividade, ou prática específica, através do emprego de tecnologias inovadoras e manejo preconizado. Os concursos mais comuns são os de produtividade de grãos e qualidade de animais, nos quais premia-se a qualidade final de um produto que foi conseguido como resultado de processo produtivo conduzido de acordo com as recomendações técnicas da pesquisa e extensão rural.

8.3 SEMANA ESPECIAL

É um método planejado, com uma duração de uma semana, em que se desenvolvem várias atividades educativas, combinando ações individuais, grupais e massais, abrangendo o público de diversas localidades durante seu transcurso. Tem como objetivo despertar a atenção e o interesse do público para determinado problema, a fim de que sejam encontradas soluções.

Algumas semanas especiais são instituídas por decreto federal como a Semana da Alimentação, celebrada de 25 a 30 de março.

8.4 EXPOSIÇÃO EDUCATIVA

É um método complexo de extensão em que se procura apresentar novos produtos, mostrar os resultados alcançados e oferecer o reconhecimento ao público adotador. A exposição oferece a possibilidade de utilização simultânea de quase todos os demais meios e métodos. Permite o aproveitamento de dois fatores importantes para a aprendizagem: repetição da idéia e visualização da mensagem. Uma exposição educativa pode ter várias finalidades, porém a principal é mostrar educando. Serve também para apresentar um trabalho realizado por determinado grupo; divulgar o desenvolvimento de um programa ou de uma atividade; despertar o interesse do público para problemas existentes e suas possíveis soluções (sugerindo mudança de atitude e ação); e divulgar novas tecnologias.

8.5 CURSO

É um método de extensão que emprega um conjunto de atividades técnicas, com programação específica, objetivando capacitar um grupo de pessoas com interesses comuns. Sua realização envolve técnicas de trabalho em grupo, recursos audiovisuais, excursões programadas, demonstrações e desenvolvimento de habilidades pelos treinandos, geralmente fora do Centro de Treinamento.

Através da motivação e aprendizagem, procura estabelecer mudanças relacionadas com a adoção de novas tecnologias e/ou aperfeiçoamento de determinadas práticas e conhecimentos. Ao realizar-se um curso, devemos obedecer uma linha de ação, que podemos identificar pela fórmula P.O.C.C.C.

A sigla possui o seguinte significado: P – Planejamento; O – Organização; C – Coordenação; C – Comando; e C – Controle.

8.6 DIA OU TARDE DE CAMPO

É um método planejado que visa mostrar uma série de atividades em uma mesma propriedade preferencialmente. Realizado durante um dia ou uma tarde, tem objetivo de despertar o interesse e a adoção mais rápida da tecnologia que está sendo apresentada. O dia ou tarde de campo é realizado em propriedade de colaboradores, unidades demonstrativas ou ainda em centros de treinamentos e, ou estações experimentais. Não se limita apenas a uma determinada atividade, mas sim, a um conjunto destas, com o fim de sensibilizar o público para a adoção. O método envolve a participação, não apenas do público trabalhado pelo técnico, mas também líderes, autoridades, agentes financeiros e comerciais e técnicos de outras entidades.

8.7 EXCURSÃO

É um método no qual o extensionista reúne um grupo de pessoas com interesses comuns, com o objetivo de observar e explicar a aplicação de diversas técnicas e práticas existentes, em um ou mais locais, para que elas venham a ser adotadas. É realizada com um grupo de pessoas interessadas e trabalhada pelo técnico, que se deslocam a determinado lugar, onde existam experiências passíveis de serem adotadas. Por exemplo, um agricultor, ao ver a produção satisfatória em cultura tecnicamente conduzida, em condições semelhantes às suas, contrastando com as produções que vem alcançando, tem seu interesse despertado para os fatos que consagram a demonstração.

8.8 ENSAIO

É um método planejado que destina-se a comprovar, em condição local, a aplicabilidade de uma tecnologia, cuja vantagem foi previamente estabelecida, ou comprovada em condição semelhantes, em investigações nas estações de pesquisa. É um método típico da pesquisa e da experimentação, sendo algumas vezes empregado pela extensão rural (com o apoio daquelas).

8.9 UNIDADE DE OBSERVAÇÃO

É um método educativo, utilizado pela assistência técnica e extensão rural com a finalidade de verificar ou observar uma ou mais práticas agrícolas ou pecuárias em determinada região. Sabe-se, por exemplo, que determinada cultivar de trigo se adapta muito bem em solos, que possuem alumínio tóxico. Pretende-se então introduzir esse cultivar em uma região nova, onde ainda não foi cultivado, mas cujas características parecem ser favoráveis. Instala-se uma unidade de observação para obter informações preliminares.

8.10 UNIDADE DEMONSTRATIVA (UD)

É um método planejado em que se desenvolve uma ou várias práticas, em uma determinada cultura ou criação, com o objetivo de que venham a ser observadas e adotadas pelos demais produtores. A UD tem como finalidade criar na comunidade um exemplo vivo de técnicas que se quer introduzir. A UD distingue-se da demonstração de resultados por não exigir comparação entre tratamento atual e anterior.

8.11 UNIDADE DE EXPERIMENTAÇÃO PARTICIPATIVA (UEP)

É uma área da propriedade, onde é instalada uma cultura ou criação e aplicado um conjunto de práticas, a partir da qual se aprimoram os conhecimentos e experiências, com a participação de técnicos e agricultores, com base nas condições socioeconômicas e ambientais

8.12 DEMOSTRAÇÃO DE RESULTADOS (DR)

É um método educativo, usado para mostrar, comparativamente, a aplicação prática de uma técnica ou de um conjunto de técnicas, cujas vantagens já tenham sido previamente estabelecidas e comprovadas nas condições locais, pela experimentação. A demonstração de resultados objetiva levar um produtor a realizar uma ou várias práticas, usando as técnicas que se quer introduzir, em condições que permitam a ele comparar os resultados assim obtidos com os resultados da testemunha (práticas usuais da comunidade).

8.13 PROPRIEDADE DEMONSTRATIVA

É uma unidade de produção agrícola que visa demonstrar a médio e longo prazo, através de técnicas racionais utilizadas na agropecuária, a importância de uma boa administração de propriedade. Combinando os fatores de produção, objetiva maximizar os lucros e minimizar os custos, bem como elevar o nível de vida familiar.

Este método tem sentido educativo para o proprietário e se constitui em centro de visitação, não só para os vizinhos, como também para os agricultores de outras áreas. A propriedade deverá sofrer um processo de avaliação contínuo. No plano elaborado, além dos aspectos agrícolas, deverão ser contemplados aqueles que dizem respeito à família.

8.14 PESQUISA EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO

A complexidade dos sistemas de produção exige a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Estudos de caso em propriedades privadas se apresentam em relação a isso, como métodos úteis, que fornecem a todos os pesquisadores a compreensão do “modo de fazer” atual da produção agropecuária. Os elementos utilizados neste tipo de método e a relação entre eles podem ser resumidos da seguinte maneira: as propriedades rurais e estações de experimentação agrícolas são trabalhadas na pesquisa por intermédio de estudos de caso e experimentos, que geram modelos agrícolas (para uso dos recursos e para produção), bem como, geram recomendações técnicas. O objetivo final neste processo é a produção de resultado científico, ou seja, novos conhecimentos e ferramentas de gestão, que se traduzem na identificação dos melhores sistemas produtivos quanto aos resultados sociais, econômicos e ambientais e nas melhores combinações de atividades.

8.15 CENTRO DE TREINAMENTO DE AGRICULTORES

Os centros de treinamento de agricultores têm sido usados efetivamente para treinar agricultores e suas esposas em conceitos e práticas de agricultura moderna, técnicas domésticas e formação de lideranças. O objetivo primário de um centro é mostrar aos participantes como a propriedade pode ser conduzida de maneira eficiente nas dimensões econômica, social e ambiental, para gradualmente instigar nos agricultores o desejo de converter suas propriedades e para ensinar-lhes as qualificações necessárias para este processo. Ambos, treinamento teórico e prático são incluídos no programa.

9 AÇÕES DINAMIZADORAS DA SOCIEDADE E DE COMPREENSÃO SOCIAL – CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

São aqueles cuja utilização exige a combinação de outros métodos e o princípio norteador é a participação dos beneficiários no planejamento, execução e avaliação.

9.1 DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO - DRP

O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os beneficiários compartilham experiências e analisam os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação. Embora originariamente tenham sido concebidas para zonas rurais, muitas das técnicas do DRP podem ser utilizadas igualmente em comunidadeS urbanas. O objetivo principal do DRP é apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável.

9.2 IMERSÃO OU OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

É crucial entender por que os agricultores agem de certa maneira, antes de opinar e de propor soluções. Por esta razão, a convivência em algumas tarefas cotidianas pode esclarecer, muitas vezes, mais do que dezenas de questionários. A observação participante não propõe mais do que “andar com os olhos abertos” e aproveitar as possibilidades de compartilhar alguns momentos do cotidiano com os agricultores.

9.3 ROTINA DIÁRIA DAS ATIVIDADES - MULHER E HOMEM

É uma descrição de atividades das mulheres e dos homens de um grupo social específico, que ajuda a colocar em evidência a sua distribuição, tornando visível o trabalho que desempenha cada membro da família e permitindo compreender a dinâmica das relações sociais de gênero, o apoio mútuo, os esforços de uns e outros, o intercâmbio e também os conflitos. Os principais objetivos deste método são: visualizar a divisão de trabalho entre homens e mulheres; tornar evidente a carga de trabalho real da mulher; e contribuir para a valorização do trabalho da mulher.

9.4 CONSTRUÇÃO DE MAPAS E MAQUETES

Os mapas servem para o planejamento, a discussão e a análise da informação visualizada. Podem ser elaboradas sobre o papel ou com qualquer tipo de material sobre o solo. Os mapas, e mais ainda as maquetes, permitem a participação de todos os membros da comunidade e constituem um dos instrumentos mais variáveis e comuns do DRP. Como toda a informação é gerada em grupos, apresenta-se o resultado, mais tarde, a toda a comunidade.

O Mapa de Recursos Naturais: mostra graficamente os diferentes elementos do uso do espaço, enfocando principalmente os recursos naturais. São distinguidas as áreas ocupadas pelos habitantes, recursos da flora e fauna, zonas de cultivo, construção de infraestrutura social, áreas problemáticas e em conflito, limites, etc. Este mapa serve de análise e discussão sobre a situação do estado atual dos recursos naturais da comunidade.

O Mapa Social: levanta informações sobre as condições de vida, tais como o acesso à água potável, energia elétrica, qualidades de moradia. Além disso, visualiza a estrutura social da comunidade, como: o número de lares, o tipo de ocupação de seus habitantes, etc. A confecção deste mapa tem o propósito de analisar a situação social e gerar a discussão em relação às necessidades e às potencialidades.

O Mapa da Comunidade: tem como temática as informações sobre as condições de vida, como o acesso à água potável, energia elétrica, qualidade de moradia. Além disso, ele visualiza a estrutura social da comunidade, de seus habitantes, etc. A confecção do mapa da comunidade objetiva criar uma concepção compartilhada sobre a situação atual da comunidade em relação a seus potenciais e suas limitações no âmbito produtivo, social, sanitário, etc.

O Mapa de Propriedade: mostra os detalhes produtivos e de infraestrutura social de uma propriedade. Em geral, são feitos vários mapas de propriedade ou dos diferentes tipos de propriedade na zona, para se obter uma melhor visão global, da organização produtiva em nível de propriedade.

O Mapa de Fluxo Econômico: apresenta as relações entre os diferentes elementos dos sistemas produtivos dentro e fora da comunidade. Ele objetiva representar como se inter-relacionam os diferentes elementos do sistema produtivo (agrícola, pecuária, florestal, irrigação, serviço, comercialização, etc.).

9.5 VISUALIZAÇÃO DE CALENDÁRIOS

Os calendários permitem perceber no tempo a distribuição das atividades, operações e rotinas.

O Calendário Agrícola: mostra informações sobre as estações agrícolas e atividades produtivas da comunidade. O calendário agrícola tem por objetivo identificar os produtos que são cultivados na comunidade e em que tempo são realizados. Permite revisar se os produtos estão sendo cultivados no tempo adequado ou se é necessário identificar

técnicas mais adequadas. Também mostra a rotação de cultivos nas diferentes épocas do ano.

O Calendário de Atividades: inclui atividades não-relacionadas à agricultura, visualizando o emprego do tempo, segundo setores de intervenção, como agrícola, social, outras fontes de receita e trabalho, etc. Também permite comparar a distribuição de emprego do tempo entre homens e mulheres. Essa ferramenta gera na sociedade a discussão sobre a distribuição de tempo disponível e as possibilidades de melhorá-la ou mudá-la.

O Calendário Sazonal ou de Ciclos Agrícolas: apresenta a relação entre os ciclos naturais sazonais, como época de chuva, seca, temperaturas, etc., e suas repercussões sobre outros ciclos, por exemplo: receitas, emprego, créditos, etc. Desta forma se visualizam as relações entre clima, doenças freqüentes de plantas e animais, rotação de cultivos, evolução dos preços de cultivos, carga mensal de trabalho, etc.

O Calendário Histórico ou Linha do Tempo: representa sucessões históricas com as mudanças que estes causaram no sistema de produção num tempo determinado. Objetiva visualizar fatos, experiências e mudanças que influíram de forma decisiva sobre o desenvolvimento comunitário e o uso de recursos naturais. A linha do tempo é uma lista dos eventos chaves tais como os participantes se recordam.

9.6 TRAVESSIA, CAMINHADA OU DIAGRAMA DE CORTE

É um método que permite obter junto às localidades, informação sobre os diversos componentes dos recursos naturais, a vida econômica, as moradias, as características de solo, etc. por meio de uma caminhada linear. Percorre-se um espaço geográfico com várias áreas de uso e recurso diferentes. Ao longo da caminhada se anotam todos os aspectos que surgem pela observação dos participantes, em cada uma das diferentes zonas que se cruzam.

Posteriormente se elabora um diagrama da travessia. É uma ferramenta da primeira fase do diagnóstico da pesquisa. Freqüentemente é a primeira técnica que se utiliza num DRP.

9.7 ANÁLISE POR DIAGRAMAS

Os diagramas permitem analisar de maneira acessível aspectos complexos a serem inter-relacionados. Eles podem visualizar tanto as relações institucionais (diagrama de Venn), comerciais ou de produção (fluxogramas de comércio e produção).

O Diagrama de Causa e Efeito ou a Árvore de Problemas: é geralmente aplicada depois de terem sido selecionados os assuntos ou problemas prioritários da comunidade. O diagrama de tortas (ou de “Venn”) é utilizado no final da primeira fase, quando já se chega a um maior grau de confiança com a comunidade e já foram desenvolvidas outras ferramentas menos “complicadas”.

A árvore é uma técnica que trata de analisar a relação causa-efeito de vários aspectos de um problema previamente identificado, por exemplo, no mapa da comunidade. As raízes da árvore simbolizam as causas do problema; o próprio problema se encontra no tronco; e os galhos representam os efeitos. A intenção é identificar e analisar um problema

com a finalidade de estabelecer as causas primárias. Estas causas primárias serão o ponto de partida para a busca de soluções.

O Diagrama de Tortas ou Diagramas de Venn: identifica os grupos organizados da comunidade e as relações que estes têm entre si e com outras instituições fora da comunidade, a fim de colocar em evidência as relações que se estabelecem entre membros da comunidade e as instituições, para reconhecer a importância destes fatores nos processos de decisão e desenvolvimento comunitário.

O Fluxograma Comercial ou Fluxograma de Comércio: é um diagrama que expõe todos os fluxos econômicos de uma entidade. Objetiva expressar os fluxos comerciais em sua totalidade, permitindo uma análise da eficiência, das debilidades e dos potenciais comerciais. Pode ser uma propriedade, uma associação de produtores ou qualquer outro conjunto produtivo.

9.8 ANÁLISE ATRAVÉS DE MATRIZES

As matrizes, em geral, comparam diferentes informações e servem para classificá-las, analisá-las, hierarquizá-las ou avaliá-las.

A Matriz de Camadas Sociais ou “Tipologia” de Famílias: caracteriza as diferenças sociais e econômicas na comunidade, identificadas pelos próprios comunitários, com o objetivo de classificar os diferentes grupos sociais, que formam a comunidade, para poder adaptar as medidas de encaminhamento às suas necessidades.

A Matriz de Organização Comunitária é Baseada nas Fortalezas, Debilidades, Oportunidades e Ameaças: tem como temática os grupos organizados da comunidade, com o objetivo de identificar, analisar e visualizar a situação atual dos grupos, para conseguir um fortalecimento organizativo.

A Análise Fofa: é uma técnica de avaliação da matriz “ex-ante” que identifica os principais pontos fortes e fraquezas no âmbito interno comunitário e as principais ameaças e oportunidades no ambiente extracomunitário. Discute as melhores maneiras de valorizar os pontos fortes e aproveitar as oportunidades, bem como corrigir os pontos fracos e evitar as ameaças. Os aspectos levantados pelos participantes são dispostos num diagrama com quatro quadrantes de fácil visualização.

A Matriz de Priorização de Problemas: permite de maneira fácil priorizar os problemas identificados durante o diagnóstico, segundo sua importância e ou urgência. Como resultado da aplicação deste método se estabelece uma hierarquia dos problemas identificados, o que permite à comunidade se concentrar naquele que considera mais importante.

A Matriz de Hierarquização de Problemas por Pares: baseia-se na hierarquização por pares, comparando os problemas identificados durante o diagnóstico, segundo sua importância para a comunidade. Essa matriz estabelece uma hierarquia dos problemas identificados que permita à comunidade concentrar-se nos que ela considera mais importantes e ou urgentes.

9.9 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

Sistematização de Experiências tem como um dos seus objetivos consolidar a sistematização enquanto uma prática de ATER, que permite a reflexão e o registro de experiências, que contribuam para o desenvolvimento rural sustentável, vivenciadas com apoio de técnicos e com a participação efetiva dos beneficiários e parceiros. Visa tirar lições e aprendizados, colaborando para o próprio (re)planejamento da ação, e para a troca e o intercâmbio de experiências, tanto interna quanto externamente.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ANATEL. **TV digital**. Brasília, 2001.

BIASI, C. A F. et al. **Métodos e Meios de Comunicação para a Extensão Rural**. Curitiba: ACARPA, 1982. v. 1

BIASI, C. A F. et al. **Métodos e Meios de Comunicação para a Extensão Rural**. Curitiba: ACARPA, 1982. v. 2.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. v.1.

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Capacitação em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal** : módulo I. Porto Alegre, 1998. Paginação irregular

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Capacitação em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal Módulo III**. Porto Alegre, 1998. 100 p.

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Capacitação em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal** : módulo IIA. Porto Alegre, 1998. 100 p.

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Curso de Desenvolvimento Rural Sustentável e Planejamento Municipal** : módulo IIA, IIB e III . Porto Alegre, 1999. p.irreg. (Programa de Formação Técnico-Social da EMATER/RS : sustentabilidade e cidadania)

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Curso em Desenvolvimento Rural Sustentável e Planejamento Municipal** : módulo II-A Anexo - turma II. Porto Alegre de 09 a 13 de agosto de 1999. Porto Alegre, 1999.107 p. (Programa de Formação Técnico-Social da EMATER/RS: sustentabilidade e cidadania.(Convênio MA/PRONAF/EMATER-RS)

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR; FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO; FUNDAÇÃO LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA. **II Treinamento de Pessoal - IV Etapa - PRODECOR**: material de treinamento. Porto Alegre, 1979.n.p.

GEILFUS, F. **80 Herramientas para el Desarrollo Participativo**: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. San Salvador: IICA – GTZ, 1997. 208 p.

MAUNDER, A.H. **Agricultural Extension**: a referente manual. Roma: FAO, 1972. 336 p.

MONTEZ, Carlos; BECKER, Valdecir. **TV digital interativa**: conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil. 2.ed. ver. e ampl. Florianópolis: ED. UFSC, 2005.

MOREIRA, T. **Programa de Rádio na Zona Rural**. Disponível em <<http://www.agencia.ac.gov.br>> Acesso em 24 dez. 2008.

VERDEJO, M.E. **Diagnóstico Rural Participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.

WEID, J.M.VON DER. **Metodologia de Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas - DRPA**. Rio de Janeiro: ASPTA, 1995.12p.

WIKIPÉDIA - ENACICLOPÉDIA LIVRE **Comunicador Instantâneo**. Disponível em <<http://www.wikipédia.org>>. Acesso em 29 dez. 2008.

WIKIPÉDIA - ENACICLOPÉDIA LIVRE **World Wide Web**. Disponível em <<http://www.wikipédia.org>> Acesso em 12 jan. 2009.

WIKIPÉDIA - ENACICLOPÉDIA LIVRE. **Data-Show**. Disponível em <<http://www.wikipédia.org>> Acesso em 06 jan. 2009.

WIKIPÉDIA - ENACICLOPÉDIA LIVRE. **E-mail**. Disponível em <<http://www.wikipédia.org>>. Acesso em 18 jan. 2009.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ANDREOLA, Balduino A. **Dinâmica de grupos: jogo da vida e da didática do futuro.** Petrópolis: vozes, 1993.

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos.

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos.

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos.

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos.

CAPACITAÇÃO em Desenvolvimento Rural e Planejamento Municipal. Porto Alegre, RS: EMATER/RS, 1998. 3 módulos.

DOYLE, Michael. **Reuniões podem funcionar: o novo método de interação.** São Paulo: Summus, 1978.

GOMES, Sandra Mario et al. **O DRP como Ferramenta no Ensino Médio Alternativo.** Porto Alegre, RS: EMATER/RS - ASCAR, 2007. 11 p. (Sistematização de Experiências)

LUNARDI, Jorge; BAO, Clotilde. **O lazer e a recreação no desenvolvimento do meio rural: sol a sol.** Emater Noroeste. Porto Alegre: Emater/RS, 1998.

MILITÃO, Albigenor: MILITÃO, Rose. **S.O.S. dinâmica de grupo: Rio de Janeiro: Qualitymark. Ed., 1999.**

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo : una guia practica.** Santo Domingo, República Dominicana: Centro Cultural Poveda, 2003. 118 p.

WEID, J.M.VON DER. **Metodologia de Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas - DRPA.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 1995. 12p.